



DESAFIOS EM CENA

Livro expõe as batalhas do teatro no Espírito Santo durante a ditadura militar

▄ **DUÍLIO HENRIQUE KUSTER CID**

De 1964 a 1969, o movimento teatral capixaba andava enfraquecido. Não existiam cursos de formação. Um dos poucos espaços de apresentação, o Teatro Carlos Gomes, estava abandonado. Havia poucos grupos em atividade, como o Praça Oito, de Gerson Von Randowe Gley Coutinho, e o Equipe, fundado por Paulo Torre. O grupo Geração foi fundado em 1966 por Toninho Neves e Milson Henriques e destacou-se não só pela crítica presente em seus textos - as duas primeiras peças foram proibidas pela Censura - como por terem criado um teatro de arena no que tinha sido o refeitório do Hotel Majestic. Além desses três, ocorreram iniciativas isoladas. Em 1969, com o fim do Geração, Milson Henriques montou com os alunos da Faculdade de Engenharia o espetáculo "Vitória, de Setembro a Setembro", tendo sido proibido pela censura após a oitava apresentação.

Na década de 1970, o

teatro local ganhou impulso graças, principalmente, à criação da Fundação Cultural do Espírito Santo (FCES), responsável por programar e executar a política cultural estabelecida pelo governo do Estado, com autonomia administrativa e financeira. Uma de suas primeiras ações foi a reforma e reinauguração do Teatro Carlos Gomes. Em seguida, a instituição passou a desenvolver uma série de ações, entre as quais: a contratação de espetáculos do Rio de Janeiro e São Paulo para se apresentarem no Estado; a criação de um concurso dramaturgício; a realização do I Festival Capixaba de Teatro Amador, organizado por Milson Henriques; a concessão de verbas para as montagens teatrais; a oferta de um curso de orientação dramática, que mais tarde daria origem a um grupo de teatro da Fundação; e a criação de novos espaços, como o Teatro Estúdio e o Circo da Cultura.

Se por um lado o teatro ganhou força, no que tange à liberdade de expressão os

De 1970 a 1977, ocorreu uma mudança profunda na forma de o Estado relacionar-se com a atividade teatral"

artistas capixabas passaram a sofrer com a censura federal. O texto do espetáculo "Ensaio Geral", por exemplo, cujo elenco era formado

por Luiz Tadeu Teixeira, Amylton de Almeida e Milson Henriques, foi proibido pouco antes da estreia. A equipe optou por manter o espetáculo apenas com música e expressão corporal, mas, mesmo assim, no dia do ensaio geral para a censura, a apresentação foi proibida. Os artistas resolveram levar a empreitada adiante e acabaram tendo que ir à Polícia Federal prestar depoimentos.

Além de episódios como esse, os artistas locais deveriam seguir um procedimento padrão. Todos deveriam ser cadastrados na Polícia Federal. Os textos eram enviados para Brasília e poderiam obter liberação total, parcial ou interdição. Deveria ocorrer um ensaio geral para os censores que acompanhavam se a equipe estava respeitando os trechos cortados. Eles também poderiam aparecer nos espetáculos para verificar se a peça correspondia ao que foi apresentado no ensaio. Se os artistas insistissem, deveriam pagar multas e, caso a infra-

ção se repetisse por três vezes, seriam detidos.

Já no final da década de 1970, uma situação paradoxal. O movimento teatral capixaba havia alcançado um considerável nível de desenvolvimento com o surgimento de novos grupos. Esses foram impulsionados não só pelas ações desenvolvidas pela FCES, mas também pelas Mostras de Teatro da Ufes, nas quais, além das apresentações, havia também a preocupação em se discutir os rumos do movimento teatral local e a criação da Federação Capixaba de Teatro Amador (Fecata). Essa foi responsável por propiciar uma série de cursos e encontros teatrais, além de estimular o registro jurídico e a filiação dos grupos capixabas. Dentre as suas principais ações, destacou-se a realização dos Primeiro e Segundo Encontros Capixabas de Teatro Amador. Por outro lado, a FCES começou a sofrer redução do repasse de verbas por parte do governo, que culminou na sua extinção em 1980.

Algumas ações em prol da atividade teatral ainda continuaram a ser desenvolvidas, como um prêmio de dramaturgia, um edital para montagens e alguns seminários sobre a arte. A quantidade e o caráter das iniciativas do período, entretanto, não se comparam com aquelas executadas de 1970 a 1977.

Com isso, se é possível afirmarmos que de 1970 a 1977 ocorreu uma mudança profunda na forma de o Estado relacionar-se com a atividade teatral, a partir desse período esse processo retrocedeu com a diminuição das ações num momento em que o movimento principiava a alcançar uma dimensão considerável. Esse descompasso talvez explique os rumos tomados pelo teatro capixaba nas décadas seguintes.

Duílio Henrique Kuster Cid

é ator, historiador e autor do livro "Revolução de Caranguejos - o Teatro no Espírito Santo Durante a Ditadura Militar".